

https://farid.ps/articles/the_sergeants_affair/pt.html

O Caso dos Sargentos: Um Episódio Trágico no Mandato Britânico da Palestina

Nos anos finais turbulentos do Mandato Britânico da Palestina, o grupo subterrâneo judaico Irgun, liderado pelo futuro primeiro-ministro israelense Menachem Begin, travou uma campanha violenta contra a autoridade britânica. As suas operações incluíam atentados bombistas em mercados árabes, ataques a instalações militares e administrativas britânicas, e o planeamento de sequestros de alto perfil. Embora impulsionadas por objetivos nacionalistas, muitas destas ações – especialmente aquelas direcionadas a civis ou destinadas a instilar medo – seriam hoje inequivocamente reconhecidas como atos de terrorismo sob definições modernas amplamente aceites.

As autoridades britânicas responderam com contramedidas severas, incluindo prisões, tribunais militares e execuções de combatentes do Irgun capturados. Um dos episódios mais consequentes durante este período foi o Caso dos Sargentos, que começou com a condenação à morte de três membros do Irgun capturados durante a fuga da Prisão de Acre em maio de 1947. Avshalom Haviv, Meir Nakar e Yaakov Weiss foram considerados culpados de atos violentos contra forças britânicas, incluindo o uso de explosivos e resistência armada, e condenados à forca.

O Sequestro

Apesar das ameaças crescentes e avisos explícitos emitidos pelos serviços de inteligência e autoridades militares britânicas, o risco de sequestro por operativos do Irgun era frequentemente subestimado ou ignorado pelo pessoal no terreno. Tal foi o caso dos sargentos Clifford Martin e Mervyn Paice, ambos com apenas 20 anos e a servir na 252.^a Secção de Segurança de Campo do Corpo de Inteligência do Exército Britânico no verão de 1947. A 11 de julho de 1947, os dois sargentos estavam fora de serviço, desarmados e em roupas civis, e escolheram socializar em Netanya, uma cidade costeira conhecida tanto pela sua população judaica como pela atividade subterrânea. Visitaram um café em Netanya e envolveram-se em conversa com Aaron Weinberg, um refugiado judeu e funcionário local num resort militar britânico.

Desconhecido para os sargentos, Weinberg operava como agente duplo, secretamente afiliado tanto à Haganah como ao Irgun. Após ganhar a confiança de oficiais britânicos, Weinberg relatou o seu encontro com os sargentos à liderança do Irgun. A organização mobilizou rapidamente uma equipa para agir com base na inteligência. A operação foi liderada por Benjamin Kaplan, um operativo experiente do Irgun que havia sido libertado durante a dramática fuga da Prisão de Acre – precisamente o ataque pelo qual os três membros do Irgun aguardavam agora execução.

Quando Martin e Paice saíram do café, foram emboscados e sequestrados pela unidade do Irgun. Foram transportados para um local escondido: uma fábrica de polimento de diamantes em Netanya, convertida num centro de detenção improvisado. Lá, foram confinados numa cela subterrânea apertada e hermética, mantidos vivos durante dezoito dias com um suprimento limitado de oxigénio engarrafado, comida e água. As condições físicas eram sombrias, mas o elemento de guerra psicológica era igualmente poderoso: o sequestro era uma tática deliberada destinada a forçar as autoridades britânicas a reconsiderar as execuções planeadas dos prisioneiros do Irgun. Nesse sentido, o sequestro era tanto uma ameaça de retaliação como um ato estratégico de alavancagem.

As Negociações com Reféns

O motivo do Irgun era usar os sargentos como moeda de troca para interromper a execução dos três militantes do Irgun – Avshalom Haviv, Meir Nakar e Yaakov Weiss – que haviam sido capturados durante a fuga da Prisão de Acre em maio de 1947. Os três tinham sido condenados por posse ilegal de armas e intenção de causar dano, e as suas sentenças de morte foram confirmadas pelas autoridades britânicas a 8 de julho. O Irgun emitiu uma ameaça pública: se as execuções prosseguissem, Martin e Paice seriam enforcados em retaliação.

À medida que a notícia do sequestro se espalhava, intensificaram-se os esforços para garantir a libertação dos sargentos. A 17 de julho, os deputados britânicos Richard Crossman e Maurice Edelman apelaram publicamente pela sua liberdade, acompanhados por outras figuras proeminentes e cidadãos privados. O pai de Mervyn Paice escreveu uma carta co-movente a Menachem Begin, implorando pela vida do filho. A carta chegou a Begin através de um funcionário dos correios afiliado ao Irgun, mas Begin respondeu friamente através de uma transmissão radiofónica na estação clandestina do Irgun, *Kol Tsion Ha-Lokhemet*, afirmindo: «Devem apelar ao vosso governo que tem sede de petróleo e sangue.»

Enquanto isso, os serviços de inteligência e segurança britânicos lançaram uma operação intensiva para localizar e resgatar os reféns. Com base numa dica, revistaram a fábrica de polimento de diamantes em Netanya, mas a missão falhou. Os sargentos estavam detidos numa cela subterrânea hermética escondida – um detalhe que tornava cães farejadores e técnicas de busca padrão ineficazes.

Face à pressão crescente de apelos públicos, ao peso moral da retaliação potencial e à urgência inegável da situação, as autoridades britânicas mantiveram-se firmes. Adesão à sua política de longa data de recusa em negociar com terroristas, optaram por realizar as execuções conforme programado. A 27 de julho, a Palestinian Broadcasting Company anunciou que Haviv, Weiss e Nakar seriam executados a 29 de julho. A 29 de julho de 1947, Haviv, Nakar e Weiss foram enforcados na Prisão de Acre.

Os Assassinatos e o Seu Horrível Rescaldo

Enfurecido pelas execuções, Menachem Begin ordenou o assassinato imediato de Martin e Paice. Na noite de 29 de julho, os sargentos foram executados num ato que só pode ser descrito como deliberadamente cruel e simbólico. Operativos do Irgun usaram fio de pi-ano para realizar os enforcamentos. O método assegurava uma morte lenta e agonizante – um contraste sombrio com a queda rápida da força britânica. O método foi escolhido como contraponto direto ao estilo de execução britânico – um ato de brutalidade calculada destinado a enviar uma mensagem.

Após os assassinatos, o Irgun transferiu os corpos para um bosque de eucaliptos isolado perto de Netanya. Lá, os cadáveres foram pendurados em árvores, rostos cobertos com pensos, camisas parcialmente removidas, e colocados de forma a destacar a sua vulnerabilidade e humilhação. Para amplificar o choque e dissuadir uma recuperação rápida, o Irgun colocou uma mina de contacto sob o corpo do sargento Martin. Esta adição transformou o local da descoberta numa armadilha letal.

O ato final desta operação impulsionada por propaganda foi a manipulação dos media. O Irgun contactou anonimamente jornais de Tel Aviv, fornecendo a localização dos corpos. A 31 de julho, soldados britânicos, acompanhados por jornalistas, descobriram os corpos. A cena era horrífica: os cadáveres enegrecidos e ensanguentados dos sargentos balançavam nas árvores, com comunicados do Irgun presos a eles acusando os homens de «crimes anti-judaicos». O capitão D.H. Galatti, após verificar a área, começou a cortar o corpo de Martin usando uma faca fixada a um poste. Quando o corpo caiu, a mina detonou, despedaçando o cadáver de Martin, mutilando o de Paice, e ferindo Galatti no rosto e ombro. As imagens horrendas captadas pela imprensa chocaram o mundo.

Condenação Global e Represálias Violentas

A execução dos sargentos Clifford Martin e Mervyn Paice pelo Irgun enviou uma onda de repulsa através da Grã-Bretanha e além. A natureza horrenda dos assassinatos, combinada com o seu timing simbólico e a postura não arrependida do Irgun, provocou condenação generalizada em esferas políticas, mediáticas e públicas.

Na imprensa britânica, a resposta foi rápida e cortante. O *The Times* captou o humor nacional numa poderosa editorial, afirmando:

«É difícil estimar o dano que será causado à causa judaica não só neste país, mas em todo o mundo, pelo assassinato a sangue-frio dos dois soldados britânicos.»

Da mesma forma, o *The Manchester Guardian* condenou os assassinatos como um dos atos mais hediondos na história da violência política moderna, traçando comparações com atrocidades nazis.

Na Grã-Bretanha, a reação estendeu-se para além da retórica. Durante o fim de semana do Bank Holiday de agosto de 1947, eclodiu uma onda de tumultos antisemitas em várias cidades. Liverpool, Londres, Manchester e Glasgow testemunharam ataques a negócios, casas e sinagogas judaicas. Janelas foram partidas, edifícios saqueados, e comunidades ju-

daicas foram assediadas no que se tornou a pior violência antisemita vista na Grã-Bretanha em décadas. Grafitis surgiram com slogans arrepiantes como «Assassinos judeus» e «Hitler tinha razão».

Enquanto isso, na Palestina, a reação não poderia ter sido mais diferente. O Irgun, longe de expressar remorso, orgulhava-se dos assassinatos, retratando-os como um ato justificado de resistência em tempo de guerra. Na sua imprensa subterrânea, publicaram declarações ousadas como:

«Não reconhecemos leis de guerra unilaterais.»

Esta declaração refletia a posição ideológica mais ampla do Irgun: que a Grã-Bretanha não tinha autoridade moral para impor leis ou ditar os termos de envolvimento. Para eles, o enforcamento dos sargentos não era um crime, mas um ato calculado de dissuasão e desafio – uma resposta ao que percebiam como opressão e injustiça britânica. Nesta moldura, a legitimidade moral não era definida pelo direito internacional ou princípios universais, mas pela justiça percebida da sua luta nacional. Esta forma de raciocínio – retratar represálias violentas como atos de resistência contra um poder ocupante ilegítimo – encontra ecos na retórica de movimentos militantes posteriores como o Hamas, que de forma semelhante justifica a violência como ação defensiva contra o que percebe como dominação estrangeira e injustiça sistémica.

No entanto, embora as ações do Irgun tenham conquistado admiração em alguns círculos sionistas como expressões de determinação nacional inflexível, também provocaram profundo desconforto moral na comunidade judaica mais ampla e indignação no estrangeiro. A opinião internacional, especialmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, virou-se bruscamente contra a causa sionista, que muitos agora associavam ao terrorismo em vez da libertação. O Caso dos Sargentos expôs assim um paradoxo perigoso que continua a assombrar movimentos nacionalistas e insurgentes: que as mesmas ações consideradas atos heroicos de resistência por um lado podem ser vistas como atrocidades indefensáveis pelo outro. Esta declaração refletia a posição ideológica mais ampla do Irgun: que a Grã-Bretanha não tinha autoridade moral para impor leis ou ditar os termos de envolvimento. Para eles, o enforcamento dos sargentos não era um crime, mas um ato calculado de dissuasão e desafio – uma resposta ao que percebiam como opressão e injustiça britânica.

Legado e Significado Histórico

O Caso dos Sargentos marcou um ponto de viragem definitivo no desmoronamento do domínio britânico na Palestina. Apesar de meses após os assassinatos brutais dos sargentos Clifford Martin e Mervyn Paice, o governo britânico notificou formalmente as Nações Unidas da sua intenção de terminar o Mandato. Décadas de fardo administrativo, violência crescente e custos políticos crescentes tornaram o controlo contínuo insustentável. A campanha do Irgun – culminando na execução pública de soldados britânicos – não só desfeiu um golpe profundo no moral britânico, mas também demonstrou os limites do poder imperial face a uma insurreição implacável e escrutínio internacional.

Em novembro de 1947, as Nações Unidas votaram um plano de partição que dividiria a Palestina em estados judaico e árabe separados, com Jerusalém sob controlo internacional. A proposta alocou aproximadamente 55% da terra ao estado judaico, apesar de os judeus representarem apenas cerca de um terço da população na altura e detendo propriedade legal sobre apenas 7% do território. A decisão foi recebida com júbilo entre muitos judeus e rejeição feroz pelos estados árabes e a liderança árabe palestina, preparando o palco para conflito civil e, em última instância, guerra em grande escala.

Nenhum monarca britânico reinante jamais visitou o Estado de Israel. Embora membros da família real tenham feito visitas nos últimos anos, a Rainha Isabel II, que reinou durante setenta anos, nunca pôs os pés no país – uma omissão frequentemente interpretada como uma expressão subtil mas duradoura de tensão diplomática não resolvida enraizada nos dolorosos anos finais do domínio britânico.

O Caso dos Sargentos permanece assim não apenas como um momento de violência chocante, mas também como um ponto de inflexão histórico – onde o império colapsou, a diplomacia falhou, e um novo capítulo volátil na história do Médio Oriente começou.

Referências

- Bell, J. Bowyer. *Terror Out of Zion: The Fight for Israeli Independence*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1996.
- Horne, Edward. *A Job Well Done: A History of the Palestine Police Force, 1920–1948*. Palindia Press, 1982.
- Morris, Benny. *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict, 1881–1999*. New York: Vintage Books, 2001.
- Segev, Tom. *One Palestine, Complete: Jews and Arabs Under the British Mandate*. New York: Henry Holt and Company, 2000.
- The Times (London). “The Hanging of the Sergeants.” July 31, 1947.
- The Manchester Guardian. “Political Terror and the British Response.” August 1, 1947.
- United Nations General Assembly. *Resolution 181 (II): Future Government of Palestine*. November 29, 1947.
- BBC News. “British Jews Targeted in 1947 Riots after Palestine Killings.” July 31, 2017.
- Israel Ministry of Foreign Affairs. *The Story of the Jewish Undergrounds*.
- Gilbert, Martin. *Israel: A History*. New York: Harper Perennial, 2008.